

Santarém: da cheia à seca

Para se adaptar à enorme área rural, com muitos rios e estradas de terra, município paraense criou calendário escolar diferenciado, que se adapta aos efeitos do clima na região

Santarém (PA), município situado a cerca de 800 km de Belém, na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, tem 57.349 alunos matriculados na Educação Básica e todos os dias vive o desafio de transportar 6.665 estudantes, que moram em áreas rurais, até as escolas. Não é uma tarefa simples porque esses alunos estão dispersos em um território imenso: Santarém ocupa uma área de 22.887 km², equivalente a 15 vezes a área de São Paulo, mas seu espaço urbano é de apenas 77 km².

O município tem 391 escolas, sendo que 317 ficam no campo. O clima, que alterna uma estação chuvosa e outra seca,

tem um peso tão grande na educação que o calendário escolar de Santarém é diferenciado. Na época de cheia, que se dá nos meses de maio, junho e julho, os alunos das áreas de rios ficam de férias. “O ano letivo de 2012 se encerrou para eles agora, em 30 de abril, e só volta em agosto”, diz Maria Irene Escher Boger, secretária de Educação.

Isso porque é impossível oferecer aulas regulares durante o período de cheia. “A água chega muito perto da escola, aparecem cobras e outros bichos, quando a própria escola não fica inundada. E os postos, onde os alunos são apanhados pelas lanchas, também

ficam cobertos pela água. Não daria para buscar os estudantes lá”, explica Maria Irene. Ela conta que quando as chuvas passam e vem o auge da seca, muitos alunos que precisavam de lanchas vão a pé até a escola.

Se as cheias são um problema para o transporte dos alunos na área de rios, a dificuldade enfrentada pelos estudantes do planalto são os buracos que surgem nas rodovias e impedem a passagem dos ônibus escolares. “Como os caminhos não são pavimentados e têm solo arenoso, as chuvas abrem verdadeiras crateras. É preciso fazer grande manutenção das estradas. Temos uma parceria forte com a secretaria de Infraestrutura, que prioriza as rotas escolares nas épocas de mudança de clima para deixar os acessos em melhores condições”, conta a secretária.

Para fazer o transporte escolar, Santarém conta com ônibus para as regiões de planalto e lanchas para as de rios. São 15 lanchas próprias, de modelo projetado pelo FNDE para ser usado em áreas rurais de rios (*leia quadro*). “Mas o número é insuficiente ainda”, diz Maria Irene. Por isso, o município usa 34 ônibus e 42 barcos tradicionais e bajaranas (embarcações menores) terceirizados. A rede possui também algumas bici-

letas, que são emprestadas aos alunos de regiões ainda não servidas por ônibus para que façam o percurso até a escola, mas são poucas. “Uma das comunidades, atendida por bicicletas, vai ganhar um ônibus novo. Vamos dar essas bicicletas para outra comunidade”, explica.

Segundo Maria Irene, o transporte terceirizado é considerado mais adequado ao município porque há áreas de difícil acesso e as empresas licitadas têm condições de fazer um atendimento mais eficaz. “Se uma embarcação quebra, a empresa tem outra para substituir. Os barcos precisam sempre ser recuperados, fazer revisões constantes.”

Ônibus e lancha adaptados

Um dos grandes problemas das áreas rurais são as estradas não pavimentadas e de difícil acesso, em que buracos e atoleiros impedem a passagem de ônibus comuns, projetados para circular em vias asfaltadas. Ou mesmo a presença de barcos precários, sem grades de proteção. Para solucionar esses problemas, o FNDE, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e a Marinha Brasileira, projetou ônibus e lanchas especialmente adaptados às áreas

às áreas rurais

rurais. Eles podem ser adquiridos por meio do Caminho da Escola.

Os participantes da pesquisa *Transporte Escolar Rural no Brasil* percorreram diversas regiões do país para levantar as principais dificuldades e projetar os veículos a partir da realidade brasileira. Willer Carvalho, que coordenou o estudo, conta que primeiro foram feitos os protótipos. Para o teste, eles rodaram mais de 50 mil km. "Há áreas onde nenhum ônibus ou caminhão consegue passar. Os

protótipos chegaram a esses locais. Um dos modelos de ônibus possui tração nas 4 rodas, o que o impede de 'patinar' no barro e o ajuda a sair de atoleiros. Mas esse é indicado apenas para estradas de condições extremas."

São três os modelos de ônibus, com tamanhos diferentes, ofertados pelo FNDE, sendo que um deles pode ou não ser 4 por 4. O menor tem capacidade para transportar 29 alunos sentados e o maior, 59. Os veículos, exceto o 4 por 4, podem ser equipados com plataforma elevatória veicular, para permitir o

acesso de cadeiras de rodas.

Já a lancha projetada pela Marinha foi testada na Bacia Amazônica. Ela tem capacidade para transportar 20 estudantes e é o primeiro modelo de lancha escolar a diesel produzido no Brasil.

O FNDE também concluiu que o fornecimento de bicicletas aos estudantes poderia abreviar o esforço das crianças que precisam percorrer distâncias diárias de 3 a 15 km para chegar à escola ou ao ponto de ônibus. Foram projetadas bicicletas padronizadas e de baixo custo, em dois tamanhos: aro 20 e aro 26.